

NOSSO APÊLO

VOCÊ, que tem idéias sôbre muitos problemas do Exército e do Brasil, ponha-os no papel e remeta-no-los. Use a sua tribuna para difundi-los.

VOCÊ, que estuda para a ECEME e organizou seu ponto, mande-nos para que seja publicado, servindo, assim, a todos.

VOCÊ, S 3 de unidade, que montou e executou um exercício no terreno, envie-no-lo para ser publicado, servindo, assim, a todos.

VOCÊ, oficial instrutor das inúmeras Escolas e Cursos do Exército, que redigiu um nôvo ponto de instrução, que leu um artigo interessante em revista estrangeira, que montou uma demonstração, que fêz algo nôvo, interessante, digno de ser difundido e apresentado a todo o Exército, tome a iniciativa de nos mandar uma cópia para inserirmos na revista.

VOCÊS, sargentos, da tropa, das escolas, monitores, alunos, enviem suas colaborações.

Serão bem-vindos.

A REDAÇÃO

ESPÍRITO DE ARMA

Maj Art JONAS CORREIA NETO

Oficial de Estado-Maior

1. Na nossa vida militar, vivemos muito na dependência de fatores subjetivos, que mantêm elevado o nosso moral, motivam o nosso entusiasmo, incentivam os nossos esforços profissionais, compensam as nossas decepções, enfim, justificam o amor que dedicamos à nossa carreira.

A consciência da missão grandiosa das Forças Armadas; a certeza da sua permanência como instituição básica da soberania nacional; o zelo pelas tradições brasileiras e militares, que tão belas já possuímos; o apanágio da honra, e com ela, de todas aquelas qualidades que, não sendo necessariamente inatas, têm de ser exercitadas, constituindo-se em hábito — e às quais convencionamos intitular “virtudes militares”; tudo isto, e tanta coisa mais, que nos enche de justo orgulho, são alguns desses fatores.

Referindo-nos aos militares de terra, poderemos acrescentar a esta lista a enunciação do chamado “Espírito de Arma”.

2. “Espírito de Arma” é uma “condição”, em que se colocam aqueles que pertencem a determinada Arma. É um estado de espírito positivo, de admiração, de “vibração” por tudo quanto diga com a “nossa Arma”. É um amor enraizado, fruto de uma vivência constante e de uma convivência agradável.

E não será exagêro falar-se, também, em “Espírito de Serviço”, por lógica analogia de expressão, de vez que a idéia é fundamentalmente a mesma.

3. Sentimos o “Espírito de Arma” como sendo a natural tendência que deve ter o militar, integrante dos quadros de uma Arma:

- de procurar elevá-la no juízo de todos os seus colegas;
- de contribuir para a melhoria da situação profissional dos seus companheiros de Arma;
- de se esmerar no aperfeiçoamento dos padrões, individuais e coletivos, da sua Arma (nas apresentações, nos estudos, na instrução);
- de impulsioná-la no sentido da maior eficiência operacional, fazendo que ela, atualizada sempre nos meios e na doutrina, não fique em descompasso com a evolução vertiginosa da guer-

ra, nem sequer com a modernização de qualquer das Armas irmãs;

- de incrementar as boas relações particulares entre os camaradas, ampliando-as mesmo ao âmbito familiar.

4. Aquela condição — que diríamos condição imanente — sobre ser compreensível é altamente desejável. Compreende-se, realmente, que quem escolheu uma Arma para nela Servir, muitas vezes numa existência inteira, ame-a, aprecie-a, por ela trabalhe com afincio e dedicação, e estenda, a quantos também nela sirvam, a mesma simpatia, afeto e prestimosidade. Deseja-se, até, que seja assim; pois se, em cada Arma, todos desta maneira se devotarem ao seu dever, a resultante será um êxito geral, aprimorando-se mais e mais tôdas as Armas — conseqüentemente, o próprio Exército. Tal tem de ser — êste sim! — o grande desiderato, o objetivo maior; o Exército será o que o conjunto de suas Armas e Serviços forem, e não o que fôr um desses ramos, por si só.

Quando celebramos a glória da INFANTARIA, ainda e sempre a "Rainha das Armas", é o Exército que estamos celebrando. Quando cantamos a epopéia da CAVALARIA, a "Arma de Heróis" — e "haverá sempre uma Cavalaria..." — é o Exército que estamos cantando. Quando exaltamos o apoio da ARTILHARIA, a "Poderosa", que representa "o último argumento dos reis", é o Exército que estamos exaltando. Quando enalteçemos os sacrifícios da Nobre ENGENHARIA, é o Exército que estamos enaltecendo. E afinal, quando louvamos o valor das outras Armas, mais novas, porém igualmente indispensáveis, e de todos os Serviços, — é ainda, sem dúvida que é o Exército Brasileiro que estamos louvando.

5. É dentro dêste conceito que precisa ser entendido e praticado o "Espírito de Arma". Porque o é, não poderíamos aceitar que êle se manifestasse deturpado, egoísta, agressivo, parcial; que êle se dividisse, em vez de unir; que isolasse, em vez de integrar; que repelesse, em vez de congregar; que acusasse, em vez de corrigir; que injusticasse, em vez de reconhecer; que perturbasse, em vez de tranquilizar; que enfraquecesse o Exército, em vez de robustecê-lo.

Sempre estivermos, e estamos, em que "tôdas as Armas são iguais"! Isto, na acepção de que cada qual vale pelo que é capaz de realizar em proveito do conjunto. São partes de um Todo, com papéis definidos; pode haver substituições eventuais, temporárias; definitivas, nunca. Se isto vem-se provando verdadeiro com o passar dos tempos, com as mutações dia a dia mais rápidas e profundas na arte da guerra — então, não há como rebater a idéia de que somente pelo trabalho combinado, coordenado, integrado, será possível triunfar-se.

Cada Arma por si, é que não!...

6. Ocorre-nos fazer estas observações, porquanto se nos afigura, embora haja aparente paradoxo, que hoje como ontem, quanto mais dependentes se tornam as Armas umas das outras, mais importante e benéfica é a caracterização de cada uma delas, a sua afirmação singular no concôrto verde-oliva.

O alevantamento de uma Arma, a sua vigorosa imposição, só merecerá elogio e estímulo; mas, desde que não se faça em detrimento ou com a intenção de menoscabo a nenhuma outra Arma. Fora disto — aliás, hipótese tão chocante que deve ser afastada — fora disto, é acender-se brilhantemente a chama do “Espírito de Arma”.

7. Cantemos as Canções das Armas, preservemos suas tradições, comemoemos seus feitos e seus heróis, destaquemos suas atuações, divulguemos suas vitórias, ampliemos seus campos de atividades, elevemos os níveis do seu pessoal, — e proclamemos vaidosamente que somos da “nossa Arma”. Estaremos desenvolvendo o mais respeitável “Espírito de Arma”, na mais sadia camaradagem, na mais pura lealdade, na mais cordial consideração mútua. E êsse “Espírito de Arma”, real e digno, capitalizará para nós ótimos dividendos morais e materiais, segundo êste lema:

**— Armas e Serviços, todos unidos,
pelo Exército, e para a frente!**

NOTA — Já havíamos feito entrega, para publicação, do nosso artigo “Espírito de Arma”, quando lemos a tradução “Brigadas Interarmas”, no Mensário de Cultura Militar n. 191/194, de Set/Dez 64. A tese ali contida não se choca com a defendida por nós. Ao contrário, reforça-a até, embora se coloque a questão sob o impacto de fatores novos, progressistas. Senão, vejamos os seguintes trechos: “a organização interna da Bda deve ser realizada com um espírito interarmas bastante desenvolvido”; “em um mesmo quartel, possuir sob a mesma autoridade infantes, blindados, artilheiros, sapadores, etc. ... é evidentemente uma novidade”; “é bem verdade que a tradição das Armas é tenaz e não quer perecer”; “nos Rgt Interarmas, as qualidades de infante, as de cavalarião, de artilheiro e de engenheiro existirão sempre, mas se casarão para produzir as qualidades Interarmas”; “parece-nos que esta técnica, êste modernismo, devem-se concretizar por melhor compreensão e melhor utilização das possibilidades de cada Arma. Tal compreensão só se pode adquirir com o hábito de viver e trabalhar em comum”. Portanto, não se preconiza que se derrube o panache de cada Arma; somente que êle se alteie entrelaçado com os das outras Armas, numa fusão perfeita de tarefas, de atitudes, de ideais. Foi o que também propugnamos.

